

FLORES E FRUTOS

Poesias por Bruno Seabra.

1862. GARNIER, EDITOR.

Li há muito tempo um livrinho de versos que tinha por título *Diwan*, e que estava assinado por Augusto Soromenho. O título do livro era o mesmo de uma coleção de poesias de um poeta turco, creio eu. Achei-lhe graça, facilidade, e sobretudo novidades tais, que tornavam os versos de Soromenho de uma beleza única no meio de todos os gêneros.

O livro que o Sr. Bruno Seabra acaba de publicar sob o título de *Flores e Frutos* veio mostrar-me que o gênero e as qualidades do Soromenho podiam aparecer nestas regiões com a mesma riqueza de graça, facilidade de rima e virgindade de ideias. Abrangendo mais espaço do que a brochura do *Diwan* os versos do Sr. B. Seabra respondem a diversos ecos do coração ou do espírito do poeta. A esta vantagem do Sr. B. Seabra junte-se a de haver no poeta brasileiro certos toques garrettianos mais pronunciados do que no poeta portuense. Demais, o livrinho de Soromenho era um desenfado; o livro do Sr. B. Seabra é um ensaio, uma prova mais séria para admissão no lar das musas.

A própria divisão do livro do Sr. B. Seabra exprime o maior espaço que a sua inspiração abrange. A primeira parte intitula-se *Aninhas*; a segunda, *Lucrécias*; a terceira, *Dispersas*. Na primeira estão compreendidas as impressões frescas da mocidade e as comoções ingênuas e cândidas do coração do poeta. A sua musa vaga pela margem dos ribeiros e pelos vergéis onde absorve a santa e vivificante aura do amor. A ingenuidade dos affectos está traduzida na simplicidade da expressão. É a poesia *loura* de que fala um crítico eminente. Essa, quando verdadeira e simples, é rara e inestimável. Poucos a têm simples e verdadeira; e os que à força de torturarem a imaginação querem alcançar e produzir aquilo que só da espontaneidade do coração e da natureza do poeta pode nascer, apenas conseguem arrebicar a inspiração sem outro resultado. É o caso do pintor antigo que buscava enriquecer a sua estátua de Vênus não podendo imprimir-lhe o cunho da beleza e da graça.

Esta qualidade, quaisquer que sejam as reservas que a crítica possa fazer, é um motivo pelo qual saúdo com entusiasmo o livro do Sr. B. Seabra.

A poesia *Na Aldeia*, a primeira da primeira parte, parece destinada a dar a ideia resumida do sentimento que inspira as *Aninhas*. Veja o leitor esta estrofe:

Olha! que paz se agasalha
Nesta casinha de palha,
À sombra deste pomar!
Olha! vê! que amenidade!
Abre a flor da mocidade!
Na soleira deste lar!

E esta outra:

Que valem vaidosos fastos,
Quando os corações vão gastos
De afectos, de amor, de fé?
A ventura verdadeira
Vive à sombra hospitaleira
Da casinha de sapé.

Entremos na segunda parte. Cala-se o coração do poeta. A primeira poesia, *Nós e vós*, recomenda logo ao leitor as demais *Lucrécias*.

Teresa, *Moreninha*, *A filha do mestre Anselmo*, *Ignez*, são composições de notável merecimento. *Teresa* e *Moreninha* principalmente. Sinto não poder transcrevê-las aqui. O poeta assiste à saída de Teresa e seu noivo da igreja onde se foram casar:

Olhem como vem pimpona!
É uma senhora dona,
Reparem como ela vem...

Depois de notar a mudança que o casamento havia operado na volúvel Teresa diz-lhe o poeta:

Adeus, senhora Teresa!
Salve o pobre na pobreza
Que isso não lhe fica bem!
Soberba com seu marido,
Soberba com seu vestido,
Deixe-se de soberbias,
Lembre-se daqueles dias
À sombra dos cafezais...
Descora... não tenha medo!
Vá tranquila que o segredo
Da minha boca... jamais....

Tenho míngua de espaço. Citarei apenas esta primeira estrofe da *Moreninha*, como amostra de graça e facilidade:

Moreninha, dá-me um beijo?
E o que me dá, meu senhor?
Este cravo....

Ora, esse cravo!
De que me serve uma flor?
Há tantas flores nos campos!
Hei de agora, meu senhor,
Dar-lhe um beijo por um cravo?
É barato; guarde a flor.

As *Cinzas de um livro* com que o poeta pôs fecho ao livro, revela as qualidades de forma de todos os versos, mas não me merece a menção das páginas antecedentes: *Cinzas de um livro* é o contraste de *Aninhas*; *Aninhas* me agradam mais, pelo sentimento que inspiram e pelas impressões que deixam no espírito de quem as lê.

Reservas à parte, as *Flores e Frutos* do Sr. B. Seabra revelam um talento que se não deve perder e que o poeta deve às musas pátrias. Não dá animações quem precisa de animações, com títulos menos legítimos, é verdade; mas tudo quanto um moço pode dar a outro, eu lhe darei, apertando-lhe sincera e cordialmente a mão.

M. A. [Machado de Assis]
[*Diário do Rio de Janeiro*, ano XLII, n. 178, p. 1, 30 jun. 1862]
Editores: Nilton de Paiva Pinto, José Américo Miranda